

## A correlação entre SARS-Cov-2 e a alopecia androgenética: uma revisão de literatura

Flávio Augusto Bragança Teixeira<sup>1</sup>; Victória César Monteiro<sup>1</sup>; Arthur Sebba Rady Alberici<sup>1</sup>; Ana Claudia Elias Nascimento<sup>1</sup>; Vinicius Vieira dos Reis<sup>1</sup>; Guilherme Augusto Moreira<sup>2</sup>.

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.
2. Docente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

**RESUMO:** O SARS-CoV-2, causador da COVID-19, é um novo vírus da família Coronaviridae que apareceu no fim de 2019 e tem mudado completamente o estilo de vida de toda humanidade. Trata-se de uma doença infecciosa que ainda não possui um tratamento específico. Dentre os vários fatores de risco da doença já conhecidos pelos pesquisadores (como idade superior a 60 anos, tabagismo, obesidade, diabetes mellitus etc), surgiu a investigação de um novo possível fator de risco: a Alopecia androgenética (AAG). Diante da necessidade de conhecer novos grupos de risco para a doença, o objetivo do presente estudo é identificar se a alopecia androgenética tem relação com o desfecho clínico dos pacientes infectados por COVID-19. Trata-se de uma revisão integrativa que utilizou as bases bibliográficas PubMed e Scielo através dos seguintes descritores MeSH: "Alopecia", "Risk factors" e "COVID-19", apenas em inglês, com todos os artigos realizados em 2020. Em estudos com animais demonstrouse que o Receptor Androgênico influencia na produção de surfactante pulmonar, de modo que, propõe-se uma menor taxa de COVID-19 grave em pacientes do sexo feminino que apresentam uma expressão inferior desses receptores. Além disso, a enzima conversora de angiotensina 2 (ECA2) foi reconhecida como a molécula de apego à proteína do pico viral, sendo chamada de "receptor de Sars-CoV-2", e a própria ECA2 tem sua atividade reduzida pela diminuição de hormônios andrógenos, portanto verificando-se uma correlação entre a atividade dos hormônios androgênicos e da ECA2, o que consequentemente influenciaria na atividade viral. O artigo de WAMBIER, Carlos Gustavo et al concluiu que 67% dos pacientes de seu estudo contaminados com o coronavírus apresentaram AAG clinicamente relevante. A frequência de AAG entre os sexos foi significativamente diferente, sendo que em homens foi de 79% e em mulheres de 42%. De fato os estudos têm mostrado uma relação entre a alopecia androgênica e o desfecho clínico grave nos pacientes com COVID-19, ressaltando a importância de se compreender melhor os mecanismos patológicos e as opções de tratamento com fármacos antiandrogênicos (como Bicalutamida, Degarelix e Espironolactona).

**Palavras-chave:**

Alopecia;  
androgenética;  
Fator de risco;  
COVID-19.